

Despertando para Um Novo Proceder

DENISE SATO DAHER

Vejo como um compromisso assumido a divulgação da minha experiência, e que ela possa se incluir entre tantas outras, neste Fórum, para que possam propiciar mais material para a construção de nossa profissão. Afinal é chegada a hora de vencer os meus medos e fantasmas, pois de uma coisa tenho certeza - sou uma terapeuta ocupacional.

Ao longo de dez anos de formada, inquietações levaram-me questionar o desempenho profissional, culminando com o ingresso no curso de Terapia Ocupacional Dinâmica.

Minha experiência profissional em instituições psiquiátricas foi pautada por muitas dificuldades para a implantação de uma cultura de terapia ocupacional. As mudanças programáticas no setor psiquiátrico, que exigiam um quadro multidisciplinar de profissionais, foram implantados na instituição em que fui contratada, apenas para cumprir a legislação. Dessa forma, a terapia ocupacional lá passou a ser aplicada apenas por imposição.

Algum tempo depois quando a terapia ocupacional começava a ser "digerida" pelos profissionais do regime hospitalar de internação total, a unidade na qual trabalhava deveria ser transformada num projeto piloto de hospital-dia para homens e mulheres. Desenvolver um programa de tratamento em terapia ocupacional que atendesse a esta mudança não foi tarefa fácil. Em primeiro lugar porque não tive na universidade o conhecimento necessário para esse tipo de empreendimento. Depois tudo que é tão novo, como era para todos nós o Hospital-dia, teria que além disso vencer idéias cristalizadas de um modelo antigo instalado. Conteí, nesse momento, com o apoio de alguns profissionais da equipe. A aceitação gradativa se deu dia após dia de reuniões, debates e discussões.

Esta nova proposta de assistência e outras que foram surgindo à partir das novas diretrizes para as instituições

psiquiátricas, exigiram de mim, uma profissional pouco consistente teoricamente, um esforço crítico.

A necessidade de entender o que denominei de processo da crise levou-me ao interessasse de integrar o grupo constituído em Londrina, proposto por Maria Madalena de Sant'Ana, para a formação no curso da Especialização em Terapia Ocupacional Dinâmica do CETO.

Nos nossos primeiros encontros com Jô Benetton, Sonia Ferrari e Solange Tedesco, a minha crise se agravou. Em cada aula, ao mesmo tempo em que me emocionava por conversarmos de "igual para igual", minha auto depreciação aumentava pelo que faltava: o conhecimento da origem, da evolução, de um estudo mais fundamentado em Terapia Ocupacional; o conteúdo do programa apresentado não era tão familiar como imaginávamos, seria necessário muito estudo e empenho. Uma soma de fatores fizeram-me experimentar um grande desconforto. Via-me obrigando-me a fazer uma coisa desagradável, um contra-senso, pois como terapeuta ocupacional sei o quanto é necessário sentir prazer no que se faz. É claro, que não necessitei me impor nada. O prazer estava implícito, e foi desabrochando. No transcorrer do curso, ainda dentro do programa teórico, as mudanças começaram a fazer a diferença. A necessidade de reflexão, gerou questionamentos para a revisão do meu programa de trabalho dentro da unidade do hospital. À medida em que incorporava mais o que abordávamos nas aulas e estudos, fui me situando e direcionando melhor profissionalmente. O mais interessante é que a minha preocupação não era a de concluir o curso para obter um certificado e somar títulos, mas sim, adquirir conhecimento prático-científico, com o qual tenho a certeza muito me ajudará na escolha do meu "modus operandi", de lá para a frente. A leitura e releitura de alguns materiais de lá para cá, confesso que, a cada dia fornecem uma nova descoberta, ajudando-me em minhas observações e interpretações, que

vão me enriquecendo e me impulsionando para “um querer mais”. Esta vontade vem de dentro de mim, pois informação certamente é crescimento.

Após o estudo teórico, onde nomes, datas, fatos, foram significados, um significado maior foi construído nas minhas próprias trilhas associativas. Um novo verbo passou a existir e era próprio da terapia ocupacional. Introdutório em mim ele

propiciou-me a experiência de comunicar através de trilhas, com um paciente.

Entretanto, existe ainda inquietações, mas, elas são de outra ordem. Há agora um certo fascínio e muita gratificação. Revelou-se como um novo proceder, um marco na minha história profissional.